

BIBLIOTECA DE COMUNICAÇÃO

Espanha: **Sociedade e Comunicação de Massa**, por José Marques de Melo. Coleção Novas Buscas em Comunicação, v. 34. São Paulo, Summus Editorial, 1989. 124 páginas.

Submetida à censura prévia, durante o governo do generalíssimo Franco, a imprensa espanhola foi, durante anos, exclusivamente o reflexo das intenções e vontades do ditador, que tinha todos os seus atos, desde os menores gestos até as mais importantes decisões, elogiados por editoriais que, evidentemente, não representavam o apoio do povo e nem mesmo qualquer aplauso autêntico.

Após a monarquia de Juan Carlos, a Espanha se transformou em um país democrático, ainda que nas placas de suas ruas e na memória das pessoas mais idosas, permaneça viva a imagem do autoritário chefe de Estado. O professor José Marques de Melo, financiado com recursos do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Escola de Comunicações e Artes da USP, permaneceu na Espanha em 1988, com o objetivo de estudar os acontecimentos do cotidiano naquele país, hoje sem quaisquer pressões, e os seus reflexos na imprensa de Madrid. De suas observações resultou o livro *Espanha: sociedade e comunicação de massa*, publicado pela Summus Editorial, na Coleção "Novas Buscas em Comunicação" (Volume 34).

A análise que fez, à semelhança de um mosaico, foi variada. A comemoração do onomástico do rei, que ocorre a 24 de junho, dia de S. João, foi suspensa no ano passado, embora incluída no calendário aristocrático do país, onde, no parlamento, a maioria absoluta é formada por representantes do PSDE (Partido Socialista Operário Espanhol). Assim, bem interessantes são os fenômenos sociais diários, protagonizados por grupos que pertencem à nobreza, em contraste com outros, vividos por pessoas que ganham a vida

com o árduo trabalho e sem que ostentem orgulhosamente tradicionais árvores genealógicas. O jornal *El Independiente* classificou a falta do fausto da costumeira recepção real como uma "comoção social", isto é, um fato que marcou profundamente aqueles que, vivendo na riqueza, sentiram a impossibilidade de passar algumas horas em meio às pompas que caracterizam as recepções de homenagem ao monarca. Houve, porém, o "casamento do ano", entre membros das famílias dos duques de Alba e do marques de Montilla. O *Diário* sintetizou o acontecimento, informando que ele reuniu "nobreza, folclore, protocolo, liturgia e mexericos". Os nobres tiveram, pois, como ostentar a sua riqueza...

Vive a Espanha, segundo José Marques de Melo, um clima de intensa atividade cultural. O jornal *AB* admite terem sido lançados 38 mil títulos de livros em 1987, embora tivessem diminuído os destinados aos universitários. As touradas são o esporte nacional, mas em Barcelona já há muito entusiasmo pela realização dos Jogos Olímpicos de 1992 e um dos orgulhos dos espanhóis é o de terem criado para esse encontro de atletas, segundo *El País*, um símbolo que rompeu com os padrões ligados a Walt Disney e que constituíram características das mascotes anteriores.

Politicamente, a situação na Espanha iguala-se à de muitas nações, nela se registrando, ainda, bolsões de resistência vinculados ao franquismo, o que levou *El País* a se expressar em editorial: "Quando se acusa alguma pessoa de desvio de poder, suborno ou manipulação, em benefício próprio, é necessário acusá-la com provas". O jornal insiste: "Esse é o princípio da democracia, para que não se converta em uma simples celeuma. Não se pode colocar ninguém na situação de ter de provar pela negativa".

José Marques de Melo, após a leitura diária dos jornais, recortava as notícias e as classificava por assuntos, anotando depois o pensamento da imprensa sobre economia, serviços públicos, questões sociais, religião e integração européia. Seu trabalho deve ser elogiado pela precisão, concisão, clareza e abrangência. O povo critica os serviços públicos espanhóis? Sim. E bastante. Os carteiros não trabalham no sábado e no domingo e as cartas entre duas localidades do país demoram até 14 dias para chegar ao destino. Quanto aos menores abandonados, a situação é dramática: 37% consomem drogas e 19,6% recorrem à mendicância.

O livro alcançou a finalidade anunciada pelo autor no prefácio, que é a de atualizar a visão contemporânea sobre fatos, personagens e instituições da Espanha, a partir de uma ótica eminentemente jornalística. A pesquisa de José Marques de Melo demonstra o poder ilimitado da imprensa, uma força capaz de, em poucos meses, permitir a um observador arguto,

como ele, radiografar um país, narrando os seus contrastes, as suas tradições e os avanços técnicos e sociais, além das falhas e divergências políticas que enfrenta.

Mário L. Erbolato

TV ao Vivo - Depoimentos, por Cláudia Macedo, Angela Falcão e Cândido José Mendes de Almeida (organizadores). São Paulo, Editora Brasiliense, 1988. 302 páginas.

O Centro Cultural Cândido Mendes, do Rio de Janeiro, promoveu entre setembro e novembro de 1986 um ciclo de debates sobre a televisão brasileira. Diversos profissionais de renome relataram as suas experiências e abordaram o futuro dos meios de comunicação social. Esses depoimentos, que somaram quarenta horas, foram gravados, revistos e constituem o livro *TV ao vivo - depoimentos* (Editora Brasiliense, 1988). A transcrição dos textos e a preservação do conteúdo ficou a cargo dos organizadores da obra, Cláudia Macedo, Angela Falcão e Cândido José Mendes de Almeida.

As transmissões de televisão no Brasil começaram em 1950, quando os aparelhos receptores ainda eram raríssimos e os programas, apresentados exclusivamente ao vivo, estavam sujeitos a interrupções. Só muitos anos depois é que surgiram os gravadores, a transmissão em cores e, mais recentemente, os satélites e os videocassetes. Mauro Sales admite que "a TV já ocupa 27% das 17 horas que o brasileiro fica acordado todos os dias" e apresenta estimativas segundo as quais o Brasil, em 1985, chegou a ter 26 milhões de televisores, superado apenas pelos Estados Unidos (150 milhões), a Rússia (80 milhões) e o Japão (com 68 milhões).

A televisão brasileira surgiu à custa de improvisos, sem patrocínios comerciais e enfrentou a concorrência do rádio, que era (e ainda é) o veículo de maior audiência e popularidade. Para viabilizar o que o povo batizou como "o cinema em casa" tudo foi feito e testado, desde pesquisas sobre as preferências do público até a criação de programas infantis, humorísticos e jornalísticos. Surgiram depois as "redes" ou "cadeias" de emissoras e, apesar de aproveitarem, hoje, em geral, os mesmos programas, via satélite, partiram elas para a regionalização: em vários intervalos comerciais (ou blocos de notícias) as imagens e a locução do canal-chefe são substituídas por anúncios e muitas notícias locais. Essa regionalização tem sido bem aceita, pois dá aos moradores de cada município, a impressão de

que a cidade tem a sua emissora. Qual o interesse do público do Amazonas pela notícia referente ao deslizamento de terra que matou uma criança em sua casa, pela madrugada, em um bairro pobre de São Paulo? Já o acidente (naufrágio) com o barco "Bateau Mouche" no Rio de Janeiro teve repercussão nacional e foi destaque em emissoras de vários países, não só pelo número de vítimas, mas por ter ocorrido durante as tradicionais festas de passagem de ano.

O retorno de público, no caso da televisão, é muito "impreciso e parcial", segundo o produtor de vídeo Marcelo Tas. As pesquisas de audiência são regularmente realizadas somente em S. Paulo e no Rio, desprezando uma larga fatia dos que vivem no interior, com hábitos diferentes dos cariocas e paulistanos. Ao contrário, nos jornais impressos, o leitor pode manter contato com o matutino (que assina ou do qual compra exemplares avulsos), através da seção de cartas, que são publicadas, na íntegra ou resumidamente.

TV ao vivo: depoimentos é a história das emissoras brasileiras. As opiniões expressas às vezes coincidem, mas chegam também a divergir. O livro apresenta um glossário de termos técnicos, completado pela relação das emissoras que funcionaram, ou ainda estão em atividade no Brasil. A respeito de cada uma, há um resumo, mostrando como têm atuado. Para terminar, o leitor encontrará um "índice de programas" por ordem alfabética, que inclui, entre outros, o Jornal Nacional, o Grande Teatro Tupi, O Homem do Sapato Branco, Não Durma no Ponto, Noite de Gala e o O Povo na TV. A intenção dos autores-organizadores, de contar o que foi, o que é e o que será a televisão brasileira, foi um êxito. E com detalhes e imparcialidade.

Mário L. Erbolato

Dicionário de Símbolos, por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1988. 996 páginas.

A história das civilizações tem sido escrita não só por conquistas, guerras, invenções, literatura e arte, mas também por crenças, sonhos e costumes, alguns ainda aceitos e outros que são postos em dúvida ou continuam controvertidos. Um simples berço é considerado o "símbolo do seio materno", do qual é continuação imediata e "recordação das origens, que a traduz nas nostalgias inconscientes do retorno ao útero". A carpa significa para os franceses, ignorância e discrição, mas no Extremo Oriente,

ela se transforma em animal de bom augúrio, mensageira dos imortais e emblema de um voto de longa vida.

Os egípcios se protegiam de certas doenças, utilizando-se das hastes de cebola. O círio (vela) simboliza a cruz; o pavio faz fundir a cera, de modo que participe do fogo, havendo "uma relação entre o espírito e a matéria". Para as astecas, as "almas dos guerreiros mortos" voltavam à terra sob a forma de colibris ou borboletas. Chamados de "serpentes de fogo" ou "estrelas que fumam", os cometas constituíam mau presságio, anunciando catástrofes nacionais e um deles teria anunciado a Montezuma a chegada dos espanhóis ao México e a queda do seu império:

Entre os japoneses, o feijão tinha a virtude de proteção e de exorcismo e, também, "afastava os demônios, mantinha o mal a distância e defendia do raio". O budismo tibetano fez da "formiga no formigueiro" a expressão de vida industriosa e de apego excessivo "aos bens deste mundo". No Mali, as mulheres estéreis sentavam-se sobre um formigueiro, para pedir ao deus supremo (Amma), que as tornasse fecundas.

No Oriente, os mercados eram os lugares onde se realizavam as trocas comerciais e serviam de palco para as danças da primavera e dos ritos destinados a interromper os períodos de seca. Quando os chineses desejavam que as chuvas parassem, simplesmente proibiam que as mulheres fossem aos mercados. De uso bastante difundido, o pente, na mitologia, era considerado um meio de comunicação com os poderes sobrenaturais, admitindo-se que os seus dentes fossem comparados a punhais, capazes de barrar qualquer mal.

Muito se escreveu a respeito dos cabelos, que representam força e virilidade, como ocorreu com Sansão, que os teve cortados por Dalila. Em algumas regiões, os povos deixam de cortá-los durante uma viagem, ou em consequência de um voto ou promessa. Acredita-se que haja relação íntima entre os cabelos e o ser a que pertencem e, por esse motivo, há famílias que têm o hábito de conservar, como lembrança, os "cachinhos" das crianças. Na Rússia, a trança grossa e única é usada só pelas donzelas, como um signo de virgindade, mas quando se casam, têm que alterar a forma de seus penteados.

Esses e outros significados - no total aproximado de 1.600 verbetes - são encontrados, com descrições minuciosas, no *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, lançado pela Livraria José Olympio Editora, em tradução do francês. Além da simbologia característica de cada palavra, os autores fazem citações e descrevem usos e costumes de diferentes povos. Segundo o Prefácio, a obra abre uma via de comunicação entre o sentido oculto de uma expressão e a realidade secreta de uma experiência. Simbolizar - acentuam os organizadores do dicionário - é, de certo modo, e num certo nível, viver juntos. O livro merece estar em todas as estantes.